

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)**

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)**

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 A pesquisa e o ensino das ciências humanas [recurso eletrônico] :  
mudanças e tendências / Organizadoras Denise Pereira, Janaína  
de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-220-3

DOI 10.22533/at.ed.203202207

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia.  
I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

Um dos aforismos famosos do filósofo estóico romano Seneca é dizer que a pessoa quando ensina, aprende. De fato, a profunda relação entre ensinar e aprender é retomada, de tempos em tempos por diferentes pensadores de diversos países.

Essa preocupação se dá justamente por que, enquanto seres humanos estamos envolvidos, a todo momento com as distintas dimensões de ensinar e aprender e com a produção de conhecimento como um todo. Pensar, refletir aprender, são ações essencialmente humanas, momentos de construção de todo um escopo de experiências coletivas e individuais. Ainda que não esteja presente na frase de Sêneca do começo deste texto, outra dimensão nessa relação de ensinar e aprender é o ato de pesquisar. Não podemos dizer que a pesquisa figura exatamente como um “elemento oculto” do aforismo, (ou seja, que não é citado, mas está presente). Ainda assim, não é incorreto dizer que o ato de pesquisar é um sustentáculo de todo e qualquer ensino. De fato, não há ensino sem pesquisa, e não há pesquisa sem divulgação do saber o que é, de certa maneira, ensino.

A palavra pesquisa tem estado muito presente do nosso senso comum, nossa vida cotidiana, uma pesquisa pode envolver tanto a busca por menores preços, ou informações concretas para a tomada de uma decisão cotidiana qualquer, como também pode se referir a raciocínios e processos complexos e controlados em procedimentos substanciais de produção do conhecimento. Um modo de vida. Em comum, ambos os significados tem o fato de que a pesquisa é um elemento fundante da experiência humana. Na área de ciências humanas, as investigações feitas, como é da própria natureza da área, sempre existe um amálgama bastante presente entre pesquisa, seus métodos e paradigmas e o ensino. Neste sentido temos assistido, no século XXI uma mudança significativa. Se a sociedade muda e novas são suas demandas, aspirações e necessidades, muda também o entendimento dos diferentes fenômenos sociais e as exigências inerentes ao seu processo de ensino. Assim, no mundo em que vivemos com o crescimento do espaço ocupado pelo ambiente virtual, as demandas de conhecimento e do mercado de trabalho da atualidade, balizam mudanças constantes que visam entender esse movimento ininterrupto, suas transformações e tendências.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE BULLYING	
Laís Caroline Amaral de Almeida Luciana Aparecida Nogueira da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
A CONSTRUÇÃO DE UM PESQUISADOR A PARTIR DE SUAS IMPLICAÇÕES E INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE INSTITUCIONAL	
Mayhara Alves de Lima Aidecivaldo Fernandes de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
André Luis Quinelato Claudia Gallert Graziela Cantelle de Pinho Isadora Goedert Jacqueline Maria Duarte Lewandowski Jéssica Fernanda Wessler Ferreira Luzia Alves da Silva Silvana Lazzarotto Schmitt Telma Beiser de Melo Zara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FRENTE A DIMENSÃO SOCIAL DO SUJEITO	
Maria Adalgiza Albuquerque Succì	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS: VAGAS PARA GRUPOS SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)	
Júlio César Xaveiro dos Santos Divina Aparecida Leonel Lunas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
EDUCAÇÃO DO CAMPO E MOVIMENTOS SOCIAIS: UM EXEMPLO TEÓRICO E PRÁTICO NO ESTADO DO PARÁ	
Joaquim Augusto Souza de Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO PARA UM(A) “PESQUISADOR(A) EMANCIPADO(A)” NAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Lara Brum de Calais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>106</b>
EXPANSÃO, ENADE E INDICADORES DE QUALIDADE DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Ana Lúcia Cunha Duarte Ana Beatriz Frazão da Silva Rafael Mendonça Mattos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>118</b>
FAZER PESQUISA EM HUMANIDADES HOJE, OU SOBRE OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO CAMPO CIENTÍFICO	
Rubens da Silva Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>134</b>
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO INFANTIL: O ALUNO COMO PROTAGONISTA DA APRENDIZAGEM	
Larissa Andrade Silva Elisabete Tomomi Kowata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>142</b>
O PAPEL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E AS TEORIAS CRÍTICAS: CONTRIBUTO DOS ENUNCIATIVOS CONTEMPORÂNEOS	
Fábio Brum Diego da Costa dos Santos Diogo Dias de Paula Muniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>153</b>
PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA: SAÍDAS POSSÍVEIS SOB A ÉGIDE DA DEMOCRACIA	
Humberto Teixeira Ramos Lilian Miranda Bastos Pacheco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>171</b>
POR UM ENSINO TRANSDISCIPLINAR: UM ENSAIO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	
Josimar Monteiro Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
QUEM REPRESENTA OS ESTUDANTES? DEMOCRACIA E UNIDADE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	
Isabella Yi Ni Vargas Chen Antonio Euzébios Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>201</b>
RELAÇÕES INTERPESSOAIS: REFLEXOS NO ENSINO	
Jânia Félix de Jesus Ferreira Núbia de Fátima Félix Ferreira Altina Abadia da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220715</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>212</b>
FRACASSO ESCOLAR E EVASÃO: UM ESTUDO SOBRE A DIFICULDADE PARA LER E ESCREVER Karla Aparecida Zucoloto DOI 10.22533/at.ed.20320220716	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>217</b>
UM BREVE HISTÓRICO DAS FEIRAS DE CIÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE/RR - 1997 A 2019 Marilene Kreutz de Oliveira Ivanise Maria Rizzatti Lenir Santos do Nascimento Moura Jesucina do Nascimento Moura Oliveira Eliaquim Barbosa Pereira DOI 10.22533/at.ed.20320220717	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>231</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>232</b>

## QUEM REPRESENTA OS ESTUDANTES? DEMOCRACIA E UNIDADE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

*Data de aceite: 01/07/2020*

*Data de submissão: 14/04/2020*

### **Isabella Yi Ni Vargas Chen**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Filho - UNESP  
Bauru - SP

<http://lattes.cnpq.br/1541523830744887>

### **Antonio Euzébios Filho**

Docente do Instituto de Psicologia, Departamento  
de Psicologia Social e do Trabalho, USP.  
São Paulo - SP

<http://lattes.cnpq.br/5021249372250097>

**RESUMO:** Buscamos neste trabalho refletir sobre os rumos do movimento estudantil no ensino superior em diálogo com narrativas de jovens militantes representantes de coletivos estudantis específicos. Ao longo desta proposta, buscamos compreender o olhar desses estudantes sobre a conjuntura política atual, dentro e fora da universidade, e os desafios colocados para o movimento estudantil universitário. A interpretação das duas entrevistas em profundidade realizadas com a lideranças estudantis apoiou-se no desenvolvimento teórico, primeiramente, com a preocupação em descrever um cenário

marcado pela crise da representatividade política, e demonstrar que a complexidade desta crise indica que o capitalismo vive uma agrura não apenas no plano econômico, como também ideológico. Vivenciando esse cenário, os participantes também observaram falta de perspectivas do movimento estudantil, que pode ser compreendida como entre o desmonte da ação pública e a perda de referenciais universais classistas, que resiste no movimento, mas perde espaço para os movimentos identitários, de caráter autonomista e descolados da tradição de organização sindical e partidária. Nesse sentido, os coletivos aparecem como saída, mas são compreendidos como ferramentas externas ao movimento estudantil e relativamente autônomas à luta de classes, ainda que os discursos indiquem menções tímidas ao papel das entidades representativas (como centros acadêmicos) na resolução dos problemas da conjuntura. Assim, o foco do trabalho se deu por meio da análise sobre os movimentos da consciência política dos participantes em torno do movimento estudantil e da realidade política mais ampla, em que realizaram uma leitura consistente da crise da universidade pública em tempos de neoliberalismo, mas perplexos ao indicar caminhos de superação do quadro atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento estudantil, neoliberalismo, conjuntura, representatividade e consciência política.

## WHO REPRESENTS THE STUDENTS? DEMOCRACY AND UNITY IN THE STUDENT MOVEMENT IN THE CONTEXT OF A PUBLIC UNIVERSITY

**ABSTRACT:** We seek in this work to reflect on the direction of the student movement in higher education in dialogue with narratives of young activists representing specific student groups. Throughout this proposal, we seek to understand the views of these students on the current political situation, inside and outside the university, and the challenges posed to the university student movement. The interpretation of the two in-depth interviews carried out with students leadership was based on theoretical development, primarily with the concern to describe a scenario marked by the crisis of political representativeness, and to demonstrate that the complexity of this crisis indicates that capitalism is experiencing hardship not only on the economic plane, but also ideological. Experiencing this scenario, the participants also observed a lack of perspectives from the student movement, which can be understood as between the dismantling of public action and the loss of universal class references, which resists in the movement, but loses space for identity movements, of an autonomist character and detached from the tradition of union and party organization. In this sense, collectives appear as a way out, but are understood as tools external to the student movement and relatively autonomous to the class struggle, even though the speeches indicate timid mention of the role of representative entities (such as academic centers) in solving the problems of the conjuncture. Thus, the focus of the work was through the analysis of the movements of the political consciousness of the participants around the student movement and the broader political reality, in which they made a consistent reading of the crisis of the public university in times of neoliberalism, but perplexed when indicating ways to overcome the current situation.

**KEYWORDS:** Student movement, neoliberalism, conjuncture, representativeness, political awareness.

## INTRODUÇÃO

Este artigo foi resultado de uma Iniciação Científica realizada por um dos autores, que buscou discutir, sob a ótica de estudantes que se destacam na liderança de coletivos estudantis, os rumos do movimento estudantil no ensino superior, atentando-se para o caso específico de um campus de uma universidade pública situada no interior do Estado de São Paulo. Tratou-se também de analisar o que pensam sobre a conjuntura na atualidade e o papel do Movimento Estudantil (M.E) neste cenário.

Ao longo desta proposta pretendemos escrever, como pano de fundo, a crise da representatividade política e da democracia burguesa no neoliberalismo (MESSEMBERG,

2015). Entendemos que o capitalismo vive uma agrura não apenas no plano econômico como também ideológico e que isto é resultado da incapacidade de a burguesia solucionar (ou mesmo minimizar) as desigualdades sociais. Por outro lado, a aplicação de políticas neoliberais por setores outrora reconhecidos como de esquerda, como no Brasil é o caso do Partido dos Trabalhadores, contribui de maneira decisiva para gerar, especialmente na juventude, não apenas uma desconfiança em relação aos partidos em geral e à democracia representativa, mas também um sentimento de impotência frente à possibilidade de mudança social (FLORENTINO, 2008; FRIZZO, 2014).

Nesse contexto, as manifestações de junho de 2013 mostraram que o cenário político não vem sendo apenas caracterizado pela desesperança em relação à democracia e o distanciamento de um horizonte de transformação social. Porém, ainda que as recentes mobilizações populares venham contribuindo para um desgaste ainda maior do capitalismo e da democracia representativa, elas não se reverteram, até o momento, em alternativas políticas concretas ao sistema vigente. Isto se deve, em grande medida, porque não há organismos de classe que sejam capazes de coordenar as lutas e reivindicações de diferentes segmentos da sociedade.

O movimento estudantil deve ser entendido a partir desta conjuntura, considerando que ele vive uma crise também de suas entidades representativas (MESQUITA, 2003; MESSEMBERG, 2015). Isto fica claro no caso específico deste estudo – na universidade em questão o movimento estudantil sofre com a ausência de um espaço que unifique as lutas, como o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e também por isto vem sofrendo uma série de ataques e repressões, que dificultam ainda mais a organização política dos estudantes. Em nossa opinião, as entidades representativas dos estudantes não resolvem por si mesmas o problema da democracia na universidade, a começar pelo funcionamento delas, que devem ser democráticas e garantir a participação de todos envolvidos.

Além disso, há a necessidade de elaborar um programa que dê concretude para as demandas históricas dos estudantes, como, por exemplo, a paridade, que só pode ser alcançada com enfrentamento político junto a outros setores. No entanto, sem estas entidades fica difícil se defender dos ataques de forma organizada e encontrar um denominador comum que unifique as reivindicações em torno de bandeiras relacionadas às demandas mais gerais dos estudantes.

Em que pese tais considerações acerca da conjuntura na atualidade, assistimos ao surgimento de coletivos com pautas específicas ligadas (mulheres, negros, LGBT+, etc.) de certa maneira descolados das pautas históricas de unificação do movimento estudantil, tais como a permanência estudantil e a democratização da universidade. Partindo deste cenário, buscamos compreender o que pensam os estudantes sobre o movimento estudantil e o contexto político na atualidade e como acreditam que podem articular e se avaliam ser necessária esta articulação entre as pautas dos coletivos e as reivindicações mais gerais do movimento estudantil. Para responder estas questões nos

aproximaremos dos estudantes e do contexto de militância de coletivos em um campus de uma universidade do Estado de São Paulo.

O desenvolvimento teórico deste projeto deu-se baseado em dois eixos de fundamentação teórica. São eles: (1) discutir os conceitos de ideologia e consciência de classe sob a ótica marxista (FREDERICO, 1979), acreditando que eles podem nos ajudar a compreender as contradições e as tendências do movimento político atual, considerando necessárias para esta análise uma compreensão que leve em conta as dimensões singular (do sujeito), particular (dos grupos de referência) e universal (da classe trabalhadora); (2) a crise do capitalismo e da representatividade na juventude, explicitando quais são os elementos que caracterizam a falência econômica e ideológica do neoliberalismo e o impacto deste cenário para a juventude.

## **CONSCIÊNCIA DE CLASSE ENTRE AS DIMENSÕES SINGULAR, PARTICULAR E UNIVERSAL**

Em termos gerais, a consciência de classe para o materialismo histórico e dialético pode ser compreendida a partir dos nexos existentes entre as dimensões singular, particular e universal. Para tanto, buscaremos elucidar alguns elementos básicos para compreensão do conceito de consciência, que pode ser definida a partir do princípio filosófico geral do marxismo, fundado pela unidade dialética entre objetividade e subjetividade, considerando que, a partir de um processo histórico, o ser social vai exercendo domínio sobre a natureza e constitui, assim, uma realidade que se descola, relativamente, da materialidade posta. Neste processo de conhecimento e manipulação do existente “em si”, a consciência ganha uma autonomia relativa em relação à objetividade, tomando-a “para si” e ampliando seu poder de interferência sobre o real.

É importante ressaltar que, quando se pretende analisar a categoria da consciência, é necessário esclarecer qual nosso objeto de análise pela qual ela se debruça, já que a consciência se caracteriza como um processo de abstração em direção ao concreto, mais especificamente, das propriedades objetivas de um determinado objeto.

Este objeto se manifesta como totalidade concreta pela relação que ele estabelece, com suas propriedades específicas, com outros objetos. Esta totalidade não corresponde a todos os fatos relacionados a um determinado fenômeno pelo qual a consciência se debruça a conhecer e intervir, mas representa uma busca por aproximar-se do fenômeno como ele é. Uma compreensão das propriedades objetivas de um fenômeno em todas as dimensões. Assim como afirmam Martins e Pasqualini (2015), citando Lukács:

Lukács (1967) propõe que, para uma autêntica e verdadeira aproximação e compreensão da realidade, devem ser explicitados os nexos existentes entre as dimensões singular, particular e universal dos fenômenos. Dessa proposição resulta que a decodificação da relação dialética entre singular-particular-universal configura um dos princípios



requeridos à implementação do método materialista histórico-dialético, tendo em vista a apreensão dos fenômenos para além de sua aparência imediata em direção à essencialidade concreta.

Para Lukács (1967), a dialética entre singular-particular-universal é uma propriedade objetiva dos fenômenos. Por essa razão, a lógica e a epistemologia que pretendem apreender a realidade em suas conexões essenciais e básicas devem orientar-se pela perspectiva de revelar a interpenetração dialética entre singularidade, particularidade e universalidade (MARTINS & PASQUALINI, 2015)

**Nesse sentido, retomando a definição de consciência a partir do princípio filosófico geral do marxismo, fundado no método materialista histórico-dialético:**

O método materialista histórico-dialético, cujos fundamentos foram estabelecidos por Karl Marx tendo como base os princípios da lógica dialética delineados por Hegel, visa à captação e reprodução do movimento do real no pensamento. Partindo do pressuposto da primazia ontológica do real, o que significa reconhecê-lo como existência em si, o conhecimento humano é entendido como uma reconstrução da realidade objetiva no pensamento. Assim, o resultado da elaboração teórica representa uma forma de reprodução ideal de um processo real, com uma aproximação de maior fidelidade possível. Trata-se do postulado pela psicologia histórico-cultural do psiquismo como imagem subjetiva da realidade objetiva, a quem compete orientar os indivíduos na realidade concreta (MARTINS & PASQUALINI, 2015)

A partir disto, a consciência também pode ser compreendida como produto da realidade, em que está permanentemente impregnada de aspectos da realidade concreta. Entretanto, sua principal característica revela-se na capacidade de o sujeito tomar as coisas “para si”, apropriar-se da realidade já existente para produzir novos contextos e significados, ou seja, para impor uma intencionalidade, a partir de suas próprias necessidades e anseios. Diante disso, nos deparamos com um ser histórico, nunca totalmente liberto das demandas de uma realidade concreta, mas aberto à possibilidade de se apropriar “para si” dessa mesma realidade e transformá-la. Em outras palavras, o modo de se apropriar dos objetos, dos instrumentos de trabalho, da natureza e das relações sociais revelam não só as diferentes formas como os sujeitos tomam a realidade “para si”, como também os diferentes tipos de sociabilidade.

Tratando agora, especificamente, da consciência de classe, podemos entendê-la a partir de dois pressupostos – consciência de classe “em si” e “para si”, como queria Marx. A consciência “em si”, como já procuramos adiantar, remete a um fato já existente na realidade, isto é, um dado objetivo, independente da consciência que o indivíduo possui dela. Já a consciência “para si” diz respeito à apropriação da objetividade do fenômeno em sua totalidade concreta e conseqüentemente a ampliação do poder de interferência sobre este mesmo fenômeno. A consciência de classe “para si” se caracteriza, neste sentido, pela apreensão dos dados objetivos da realidade de classes e, finalmente, na necessidade de superação desta realidade. Como consciência de classe ela deve se manifestar, necessariamente, como fenômeno universal – isto é, do conjunto da classe. Nesse sentido, a consciência de classe, como foi pensada pelo marxismo, só existe como consciência da classe como classe. Isto não significa, porém, que ela não apresente

nexos entre as dimensões singular, particular e universal. Há, inclusive, processos de tomada de consciência no âmbito individual e grupal.

No plano da singularidade – isto é, do sujeito – a consciência de classe se manifesta como consciência política em termos de uma compreensão científica da sociedade de classes, dos papéis, funções e do poder político das classes que compõem um determinado modo de produção. Neste sentido, há uma apreensão do concreto existente da sociedade de classes identificando um elemento de universalidade: a condição econômica no capitalismo coloca uma grande massa explorada, que vende sua força de trabalho. Este elemento possibilita que a classe construa um projeto político “para si”, entendendo necessária uma organização política, em que grupos estejam associados pelo sujeito a partir da sociedade de classes.

Porém, este não é um mero exercício de abstração. Esta consciência passa, necessariamente, pelas demandas dos indivíduos e dos grupos – pela vivência de classe no cotidiano das relações sociais e de trabalho. A vivência imediata da materialidade posta pela classe no âmbito da vida particular do sujeito é um elemento que tem uma importância considerável para a tomada de consciência do elemento universal da classe – o processo de exploração e opressão também atinge, de uma forma ou de outra, os outros trabalhadores. Mas é evidente que a origem de classe não garante uma consciência de classe. Não coincidência necessária entre ser trabalhador e entender como funciona, de maneira científica, as leis do capitalismo em todas as suas dimensões. Por outro lado, queremos ressaltar que a consciência de classe não se manifesta, simplesmente, como fenômeno de contemplação da realidade, ainda que ela seja necessária.

A consciência do indivíduo sobre sua situação de classe ganha contornos de consciência de classe pela associação com outros sujeitos – as organizações como sindicatos, entidades e movimentos sociais. Há, entretanto, que se considerar, a diferença entre grupo e classe. Um grupo travava uma luta corporativa que, ainda que seja necessária e importante, não se liga, naturalmente, a um projeto de classe. Um grupo que nota sua vinculação com um projeto político universal, da classe, também pode (e deve) travar a luta corporativa, por salários, por exemplo, mas não para por aí. Entende a luta imediata articulada com aspectos mais gerais da sociedade capitalista. Desta forma, se entende, portanto, as associações de trabalhadores como organismos de classe e não apenas sindicatos, entidades, movimentos, etc.

Sendo assim, partindo-se da apresentação dos princípios gerais da consciência de classe “para si”, é possível reconhecer-se historicamente como classe, isto é, a consciência de classe “para si” se materializa, na prática, nos organismos de classe. Estes organismos, por sua vez, travam uma luta da classe como classe, sendo esta luta tanto econômica como também ideológica. Segundo Euzébio Filho (2011), a perspectiva marxista aponta que:

Para Marx e Engels, somente quando os sujeitos se apropriam “para si” da realidade, está dada a possibilidade de eles a construírem conscientemente e, a partir daí, desenvolverem suas individualidades, expandirem as singularidades, produzirem sentido para aquilo que vivem, para a natureza e para as próprias relações sociais (EUZÉBIOS FILHO, p. 54).

Entretanto, é importante ressaltar que o modo de existência da vida individual pode ser um modo mais particular ou mais universal da vida genérica, a depender das condições objetivas em que essa vida transcorre, isto é, a possibilidade dos indivíduos de desenvolverem-se como ser genérico cada vez mais universal não está dada a todos, uma vez que dentro da sociedade capitalista as possibilidades de apropriação do patrimônio humano genérico existem de forma desigual e paradoxal. Assim, na relação entre indivíduo e gênero humano, a sociedade é a responsável por realizar esta mediação, tomando estes dois últimos como polos singular e universal.

Portanto, neste tópico, procuramos trabalhar a consciência de classe articulando-se às dimensões singular, particular e universal. Assim, entende-se que a apropriação pelo sujeito da materialidade posta caminha do singular para o genérico, variando de sujeito para sujeito e de grupo para grupo, uma vez que o impacto das classes sociais sobre a consciência ocorre de forma diversificada, podendo ser demonstrada por meio de fatos objetivos, sociais, políticos e econômicos com os quais a consciência terá de fazer a mediação, desde seu nível mais primitivo, no âmbito mais imediato das suas relações independente da sua boa ou má vontade, como é o caso da família, por exemplo.

## **NEOLIBERALISMO E CRISE DE REPRESENTATIVIDADE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO**

Neste tópico, buscaremos discutir as implicações do neoliberalismo no ensino superior no contexto universitário de uma universidade pública. Diante disto, se faz necessária uma análise da conjuntura atual, ainda que em linhas gerais, a fim de tornar possível uma compreensão acerca das consequências que esse modelo hegemônico traz para o cenário das universidades públicas bem como suas expressões dentro do movimento estudantil.

Desde os anos 1990, percebe-se um cenário marcado pela ascensão do neoliberalismo com acirramento das privatizações, a retirada de direitos sociais conquistados historicamente por meio de lutas populares, a mercantilização de todas as esferas da vida, a acentuação do individualismo, a criminalização das lutas sociais e certo descrédito em relação a alternativas ao capitalismo, contribuindo assim para a fragmentação da esquerda ao longo dos anos (EUZÉBIOS FILHO, 2010)

No cenário atual, do ponto de vista econômico, observa-se a pauperização e aprofundamento das desigualdades sociais (SHORROCKS, DAVIES & LUBERAS, 2014).

Já do ponto de vista político, percebe-se a fragmentação dos organismos de classe com a reestruturação produtiva e com a flexibilização das leis trabalhistas, bem como a retirada de direitos sociais historicamente conquistados por meio de lutas populares (EUZÉBIOS FILHO, 2010)

Do ponto de vista ideológico, constata-se em outros aspectos uma crise de representatividade política e de confiança de instituições ligadas ao Estado (IBOPE, 2015), que vem contribuindo para fragmentar a unidade da classe trabalhadora e paralelamente fortalece-se a ideia de saídas individuais para questões estruturais. Nota-se, especificamente na juventude, o fortalecimento de pautas específicas que não necessariamente se ligam umas às outras, ou simplesmente um distanciamento de pautas historicamente construídas pelos trabalhadores organizados em torno de entidades representativas e organizações político-partidárias. (EUZÉBIOS FILHO, 2016).

Neste sentido, o contexto da universidade pública também vem sendo afetado tanto pela crise de representatividade quanto pelas políticas neoliberais. Isto vem culminando no sucateamento das instituições públicas de ensino superior e pela recorrente falta de recursos e investimentos neste setor. Assim como destaca Euzébios Filho (2016), três elementos que afetam negativamente um projeto de universidade pública são colocados em destaque, são eles:

(1) precarização dos serviços públicos com aceleração dos investimentos estatais no setor privado, que levaram ao avanço das privatizações nas universidades públicas e uma escassez (intencional e programada) de investimento público no público; (2) flexibilização dos direitos trabalhistas, que afeta diretamente o cotidiano de trabalho dos funcionários e docentes e acompanha o cenário de terceirização e privatização; (3) subserviência cada vez maior da produção do conhecimento ao mercado, abrindo cada vez mais espaço para aquilo que Chauí (2014) chamou de universidade operacional (EUZÉBIOS FILHO, 2016, p. 3).

Diante disso, uma questão é colocada em destaque: O que tudo isto gerou no campo do movimento estudantil universitário?

A resposta dos setores organizados aos ataques econômicos impostos à comunidade universitária vem se enfraquecendo devido à burocratização das entidades historicamente ligadas ao movimento estudantil universitário e a própria crise de representatividade. Essa crise pode ser observada com clareza em setores do movimento estudantil e da juventude em geral, que não se reverteram em alternativas políticas concretas ao sistema vigente. A ausência de organismos de classe capazes de coordenar as lutas e reivindicações de diferentes segmentos da sociedade, a aplicação de políticas neoliberais ao longo dos anos, juntamente com o sentimento de desesperança e certo descrédito por setores outrora reconhecidos como de esquerda, têm contribuído de maneira decisiva para gerar, especialmente na juventude, uma desconfiança da democracia representativa junto com um sentimento de impotência frente à possibilidade de mudança social.

Todos estes elementos, juntos, contribuíram para enfraquecer entidades representativas também no interior do movimento estudantil, como é o caso da pesquisa realizada por Euzébios Filho (2016), que analisou os desafios atuais da organização do movimento estudantil das universidades públicas no Brasil.

Para o autor, a ausência de DCE é um sintoma da crise de representatividade que se expressa dentro da universidade e fora dela, seja por meio da diversidade de configurações políticas e formas de militância, seja por meio do enfraquecimento das pautas universais, cujo fundamento é econômico e deste modo reúne interesses de amplos setores marginalizados da sociedade. Nesse sentido, a crise dos espaços de representação é uma expressão da conjuntura atual, uma vez que se manifesta tanto na esquerda quanto na direita (por meio da insatisfação generalizada) como também por meio da confusão ideológica, que dificulta mudanças estruturais à medida em que se distancia das pautas universais historicamente construídas pela classe trabalhadora e da possibilidade de uma “unidade de classe”. Assim, a busca por alternativas tanto às entidades e processos de representação, quanto ao próprio sistema político e econômico vigente, são expressões da crise de representatividade.

Outro aspecto, também observado no contexto universitário, refere-se ao aumento dos coletivos identitários que lutam por pautas específicas que ultrapassam o movimento estudantil, além de trazerem discussões sobre privilégios, representatividade de grupos minoritários, tais como o coletivo LGBTQ+, feminista e coletivo negro, bem como espaços de fala próprios desses grupos. Por outro lado, também é possível observar um aumento das saídas individuais, em que as soluções são colocadas individualmente, seja por meio da militância individual, seja por meio de movimentos autonomistas ou mesmo anarquistas, o que acaba por dificultar uma mudança estrutural necessária.

Com as manifestações emergidas em junho de 2013, é possível identificar a aceleração de processos de reorganização dos movimentos estudantil, sindical e popular que estão se consolidando, mas ainda não são suficientes para frear a fragmentação da classe trabalhadora, podendo observar que tudo isto contribuiu para um cenário de crise de representatividade, que é sentida no movimento estudantil, que é nosso foco. Messemberg (2015) avalia, desta forma, que os jovens cada vez menos votam em partido, não creem mais na democracia formal e buscam “novas formas de organização” e de resistência no Brasil e no mundo.

Dessa forma, as respostas da juventude vêm se caracterizando pela emergência de movimentos anticapitalistas, autonomistas e independentes, anarquistas assumidos, bem como os coletivos que trazem elementos de todos estes grupos e também a juventude que ainda está em partido político (MESQUITA, 2003).

Portanto, a articulação desses coletivos junto às pautas mais gerais (e históricas) do movimento é fundamental para a conquista das reivindicações como um todo, uma vez que a categoria estudantil é marcada pela heterogeneidade e diversidade de opiniões.

Desse modo, ainda que as saídas individuais muitas vezes sejam colocadas como a única solução e a emergência de coletivos anarquistas e autonomistas, como o aparecimento de coletivos identitários que se auto-organizam em torno de pautas específicas (negros, mulheres, LGBTQ+, etc.) sejam frequentes no contexto do movimento estudantil dentro de uma universidade pública, entende-se que a luta não é apenas dos estudantes, ainda que seja deles. Estes, por sua vez, se organizam politicamente no plano particular seja por meio de coletivos, seja por meio do próprio movimento estudantil, que reivindica pautas mais gerais como é o caso da permanência estudantil e paridade, por exemplo.

No entanto, a luta ultrapassa a questão estudantil (particular) e se liga à questão dos trabalhadores dentro da universidade e fora dela, por meio da luta de classes e das reivindicações da classe trabalhadora. Dessa forma, a luta se dá tanto no plano econômico, posicionando-se contra os cortes e o sucateamento do ensino público, no contexto da universidade, quanto no plano ideológico, por meio da tomada de consciência “para si” dos fenômenos da realidade objetiva e a identificação com os anseios da classe trabalhadora.

## MÉTODO

### *Metodologia*

Nosso desafio específico foi lidar com um fenômeno em movimento, cuja natureza das mediações entre as dimensões singular-particular-genérica é política, pois se manifestam nas relações de poder inscritas em uma sociedade de classes (FREDERICO, 1979). Neste sentido, tivemos como foco analisar os movimentos da consciência política de estudantes em torno do movimento estudantil e da realidade política mais ampla, acreditando que há uma ligação entre o universo particular e universal dos participantes, seja como estudante ou como membro de um determinado segmento econômico da sociedade.

Buscamos analisar, portanto, de forma sistematizada nos discursos dos participantes, como estabeleceram articulações - e se estabeleceram - entre as pautas dos coletivos que participam (campo do singular-particular) e as demandas mais gerais do movimento estudantil inseridas na sociedade (estrutural, universal).

### *Participantes*

A entrevista foi realizada com dois participantes de coletivos diferentes que se destacavam como lideranças: membros do coletivo feminista “Abre Alas” e do coletivo “Negro Kimpa”. A primeira entrevista foi realizada com a estudante Jaqueline (nome fictício), do sexo feminino, de 21 anos de idade. A participante, que cursava o quarto ano do curso de Design gráfico, relatou sua experiência dentro da militância feminista no coletivo e no

M.E da universidade. Jaqueline apontou, ainda, ter vivido experiências políticas próximas da universidade, como foi o caso da atual chapa do diretório acadêmico.

Já o participante Jorge (nome fictício), do sexo masculino, de 25 anos de idade, se graduou no curso de jornalismo há dois anos. Ademais, o participante relatou buscar informações sobre a conjuntura no contato com movimentos sociais e com membros do coletivo negro, além de portais de notícias na internet. Dentre as experiências políticas consideradas relevantes na universidade, ele relatou ter participado do movimento estudantil, por meio de atuação no centro acadêmico de Comunicação. Também atuou como representante de curso no conselho do departamento, e relatou sua participação em protestos tanto em Bauru quanto em São Paulo, no bojo das manifestações de junho de 2013. Segundo ele, dentro do movimento estudantil ajudou a fundar o coletivo Negro Kimpa com a participação de colegas, homens e mulheres, mas principalmente mulheres, o que foi fundamental para o seu desenvolvimento político.

### *Procedimentos éticos*

Importante salientar que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeciam aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Foi aprovado no comitê de ética (no. do CAE: 56025116.0.0000.5398). Sendo assim, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi lido aos participantes, que por sua vez foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa, à metodologia adotada e à finalidade. Os participantes também foram esclarecidos quanto aos riscos e benefícios da pesquisa.

Assim, foram informados que a participação nesta pesquisa teve seu sigilo preservado, tendo sua identidade resguardada. Também foi informado que a participação nesta pesquisa não tem vínculo algum com qualquer benefício estudantil ou da universidade e que, tampouco, sua participação na pesquisa tem qualquer implicação política com o movimento estudantil. As entrevistas serviram como um espaço de reflexão sobre a própria trajetória política dos participantes e um momento de acolhimento de sentimentos e angústias que, por ventura, surgiram no momento da entrevista. Os resultados da pesquisa serão apresentados aos participantes separadamente, constituindo-se como mais um espaço de reflexão junto aos demais.

### *Procedimento de coleta das informações*

A proposta foi realizar entrevistas em profundidade com dois estudantes, membros de coletivos atuantes na universidade, com base em um roteiro semi-estruturado, que resguardou os objetivos deste estudo, mas que, ao mesmo tempo, procurou dar vazão para a livre expressão dos sujeitos.

O contato com os participantes das entrevistas deu-se por meio do envolvimento por parte da pesquisadora com o contexto de militância do M.E da universidade em questão. A partir disso, as entrevistas foram gravadas por meio da utilização de um gravador e realizadas separadamente de acordo com a preferência de lugar de cada um dos participantes, tendo a duração média de 50 minutos cada com os dois participantes de coletivos diferentes. É importante ressaltar que as entrevistas foram gravadas com fins de pesquisa e como forma de registro para as transcrições e posterior análises, bem como procurou-se escolher um local favorável em que os participantes se sentissem confortáveis para relatar suas trajetórias de militância dentro e fora da universidade.

### *Procedimento de análise das informações*

A análise das informações seguiu a seguinte sequência: (1) transcrição das entrevistas; (2) leitura e releitura das entrevistas para identificação de temas específicos; (3) construção de categorias de análise a partir da interpretação teórica dos temas; (4) categorização de cada uma das entrevistas em separado para, finalmente, identificar categorias comuns e diferentes entre os discursos.

## **RESULTADOS**

A interpretação das categorias de análise aconteceu como resultado de um esforço para articular a teoria e os dados empíricos. Dessa forma, foram separadas três categorias de análise, sendo estas denominadas: (1) a questão da universidade, quando os dois participantes discursaram sobre a precarização do ensino superior no país, questionando o papel social da universidade em tempos de neoliberalismo; (2) pautas identitárias apareceram como elementos do cotidiano do movimento estudantil e que devem ser priorizadas. Menciona-se, por exemplo, a militância de coletivos negros e feministas e a necessidade de inserção destes coletivos no M.E universitário; (3) os participantes também discursaram sobre conjuntura e alternativas de resistência. Consideraram que a universidade precarizada é reflexo de um cenário que vivemos - um contexto político não favorável às minorias, destacaram os participantes. Porém, os discursos indicam menções tímidas ao papel das entidades representativas (como centros acadêmicos) na resolução dos problemas da conjuntura. As organizações classistas, como sindicatos, ficam longes de serem mencionadas como alternativas. Os coletivos aparecem como saída, mas são compreendidos como ferramentas externas ao ME, e relativamente autônomas à luta de classes.

Ademais, é importante destacar que, segundo as narrativas, as pautas dos coletivos ultrapassam as pautas do movimento estudantil, uma vez que expressam desigualdades estruturais de grupos minoritários, o que confere identidade a estes grupos dentro da



universidade e para além dela. Foram, assim, tratadas de questões da conjuntura atual, ainda que os participantes não tenham apresentado saídas e alternativas concretas de luta para a mudança social desejada: uma sociedade mais justa, livre de opressões e preconceitos.

## DISCUSSÃO

### *A questão da universidade*

Podemos denominar esta questão se referindo a todo conteúdo dos discursos ligados à universidade, no que os participantes consideram a necessidade de ela se conectar com a realidade social da cidade onde está inserida e também dos movimentos sociais, o que poderia se constituir como um requisito para uma formação considerada crítica.

Jorge (nome fictício), um dos participantes, formado em jornalismo, cursava o mestrado da pós-graduação na área de comunicação e integrava o coletivo denominado Negro Kimpa, constituído em 2014 por estudantes que lutam pela representatividade negra na sociedade, se posicionando contra a opressão racial dentro e fora da universidade, já que foi por meio da organização dos estudantes negros que o coletivo surgiu a fim de combater os casos de racismo e violências sofridas ao longo dos anos, bem como atender às demandas específicas desses estudantes.

Segundo ele, é preciso uma aproximação com a “cidade” para que a universidade possa cumprir seu papel social, de formar cidadãos críticos e gerar conhecimento relevante para a sociedade, ou seja, é necessário transcender os muros da universidade, de modo a colocar o conhecimento que essa possui a serviço dos grupos sociais, isto é, do contato direto com a cidade.

Em ambos os casos, os participantes relataram que sua entrada nos coletivos se deu por uma busca por espaços de discussão e representatividade, que não encontraram na própria universidade, tampouco, na formação curricular. Além disso, é importante destacar que ambos os participantes da entrevista ajudaram na organização dos coletivos e estiveram presentes desde seu início. Nesse sentido, é possível observar, por meio dos relatos apresentados, certo nível de articulação entre as dimensões singular-particular na elaboração de perspectivas de ação política, uma vez que eles procuraram se envolver não só no plano da universidade, mas também da “cidade” - que parece ser entendida como sinônimo dos movimentos sociais organizados em torno dela.

Mas, falando da universidade, podemos notar que os problemas citados são inúmeros, na visão dos participantes, e quase sempre são compreendidos como resultado da conjuntura na atualidade. Jaqueline, por exemplo, descreveu brevemente a situação em que se encontram os estudantes da moradia, que está superlotada, uma vez que a política de cotas implementada, apesar de ser importante para o ingresso destes estudantes na

universidade pública, não dá suporte para os alunos que, em sua maioria, dependem de políticas de permanência estudantil, tal como a moradia e o restaurante universitário, por exemplo. Para ela, a política de cotas representa não apenas a democratização do acesso, mas a inserção de “realidades diferentes” dentro da universidade.

Jorge, o participante do coletivo Negro Kimpa, ressaltou que os alunos negros e de baixa renda, em sua maioria, são os mais afetados pela falta de políticas de permanência, uma vez que dependem de bolsas e moradia a fim de que possam estudar.

A universidade, ela não precariza a estrutura universitária à toa, ela faz isso porque ela faz parte de um sistema, faz parte de uma ideologia, tem grupos políticos que têm interesses relacionados, então não tem como você descolar uma coisa da outra né, é papel do movimento estudantil, inclusive, chutar esse muro, derrubar ele, e conseguir mostrar pras pessoas que tem um amálgama entre a sociedade e a universidade.

Por essa razão, Jorge observa que as pautas gerais do movimento estudantil (como moradia e alimentação) estão diretamente relacionadas às reivindicações que o movimento negro defende dentro e fora da universidade, o que nos permite dizer, com base em Martins e Pasqualini (2015), que a inserção com o coletivo permitiu que se estabelecesse uma ligação entre pautas particulares (dos estudantes) com aspectos mais gerais da sociedade (como o racismo).

Jorge, ao “se descobrir negro”, descobre-se também como membro de uma classe, e aponta a importância do coletivo como materialização deste processo.

É... eu tava ali, me descobrindo negro... Descobrir a questão racial no Brasil, eu e meus colegas, né. Então a gente resolveu formar um coletivo pensando em todas essas questões, e no coletivo a gente passou desde a ação, à discussão teórica... teoria e prática, pra tentar combater isso.

É importante destacar a importância dos coletivos dentro da universidade não só como espaços de discussão e formação, mas também uma maneira de descoberta das identidades e busca por representatividade. Diante disto, podemos perceber um nível de articulação entre as particularidades das pautas do coletivo negro, pela sua natureza e composição social, com as pautas gerais do movimento estudantil, como a permanência na universidade, ainda que não fique claro como Jorge pensa esta articulação.

Jorge, na verdade, não deixa claro como se daria a relação entre as particularidades e os aspectos mais gerais da classe, ou, ainda, entre ser negro e tomar consciência de pertencer a determinada classe social. De todo modo, é nítido que Jorge estabelece uma articulação discursiva entre as ações do coletivo negro e do M.E, tais como a política não só de cotas implementada pela universidade, como também de permanência estudantil, além de observar a importância da aproximação entre universidade e sociedade para uma formação considerada crítica.

Para Jorge e Jaqueline, o sucateamento que as universidades públicas vêm sofrendo, com a falta de investimentos e cortes de verbas que aceleram o desmonte do ensino público superior, reflete também nos rumos do movimento estudantil. Jorge

também cita a importância da independência dos movimentos estudantis, característica dos coletivos que, segundo ele, pela dinâmica organizativa permitem que pautas mais urgentes e específicas, tais como a violência contra os grupos socialmente minoritários, materializem-se em ação política, ainda que não se tenha claro quais seriam elas.

Jaqueline e Jorge consideram os coletivos espaços importantes dentro da universidade, já que possibilitam que os estudantes possam discutir e se identificar com pautas do M.E, articuladas com a “cidade”. Neste sentido, os coletivos parecem ter um papel fundamental na retomada de um M.E articulado com os problemas da sociedade. A questão da universidade, segundo os participantes, é retomar sua função social, que segundo eles foi ou está sendo perdida.

### *Pautas identitárias dentro e fora da universidade*

Os coletivos de juventude, da forma como parecem ser compreendidos, tratam de questões do movimento estudantil, como acesso e permanência estudantil. Mas tratam, sobretudo, de lidar com pautas específicas que ultrapassam a universidade e apresentam questões estruturais da sociedade, como racismo e machismo.

Estes são dois temas que os participantes se envolveram ao longo da trajetória universitária, por meio dos coletivos e de entidades representativas. Mas, falando em representatividade, é importante destacar que ela parece ter sido gerada mais pela atuação dos participantes em coletivos do que, propriamente, pelo M.E dentro da universidade.

Nesse sentido, Jacqueline, que relatou sua experiência no coletivo feminista, contou que sua entrada no coletivo se deu por meio de uma busca por espaços de discussão e por um lugar em que se sentisse à vontade, apesar de não ter achado o ambiente muito acolhedor. Jacqueline, em sua participação no coletivo, relatou dificuldades de se chegar a uma definição do que seria o próprio feminismo. Ao ser questionada sobre a posição do coletivo feminista se denominar interseccional, a participante apontou que é possível perceber a contraditoriedade em relação à denominação e a postura do coletivo, dada a pouca participação de mulheres negras dentro deste espaço. Como ela afirma: *“É fácil né, você falar isso, mas aí chega e não tem amigas negras, não tem mulheres negras no coletivo, você não tá se esforçando pra entender os seus privilégios de pessoa branca...”*

Por outro lado, o participante do coletivo negro descreveu a necessidade em que os estudantes se encontravam de se organizarem em coletivos a fim de combater os casos de violência e racismo tanto dentro quanto fora da universidade. Além disso, ele apontou que o coletivo possibilitava um espaço em que os participantes não só se organizassem, como também se formassem, isto é, aliando teoria e prática por meio de discussões teóricas a fim de combater o cenário de racismo sócio-historicamente construído e instituído na sociedade. Dessa forma, foi possível perceber por meio do relato do participante que as

pautas do coletivo negro estão articuladas às dos demais coletivos, tais como o coletivo feminista e LGBTQ+, uma vez que se posiciona contra a opressão dessas minorias sociais e luta por sua representatividade na sociedade.

De todo modo, a pauta segue sendo a permanência estudantil. De acordo com Jorge, a política de cotas foi recentemente criada sem o devido cuidado com a recepção e permanência dos alunos que ingressavam por meio desse sistema. Segundo ele, em diversos campi começaram a surgir pichações mandando negros de volta pra senzala ou chamando de macaco, atitudes que configuram crime.

Nesse sentido, é possível perceber por meio do relato de Jorge que as pautas do movimento estudantil, tal como a política de permanência estudantil, são muito mais caras ao movimento negro dentro da universidade, uma vez que os estudantes que ingressam pelo sistema de cotas representam minorias sociais e necessitam em sua maioria de políticas de permanência para se manterem na universidade, como é o caso da moradia estudantil e do restaurante universitário, por exemplo. Dar função social à universidade é outra pauta importante do coletivo negro que Jorge participa. E mais uma vez, os coletivos aparecem, agora, como “tecnologias sociais”, isto é, como sendo os principais articuladores desta conquista.

Diante disto, Jorge observa que a presença negra e pobre ampliada por meio da política de cotas implementada dentro da universidade constitui uma afronta direta aos privilégios da classe média e alta branca, uma vez que a universidade pública ainda é uma das poucas políticas públicas que essa classe social se beneficia. Desse modo, de acordo com o participante, os ataques racistas aparecem como reação direta ao aumento das minorias sociais nestes espaços, e os coletivos surgem como um fenômeno espontâneo dada a necessidade de organização dos alunos a fim de combater os casos de violência tanto racial, quanto de gênero e orientação sexual. Por isso, a participação cada vez maior destes estudantes nos espaços da universidade é essencial para uma educação que seja realmente para todos, isto é, que proporcione uma inclusão de minorias sócio-historicamente excluídas dos espaços de saber, tal como a universidade pública.

### *Conjunturas e saídas*

Apesar de não discorrerem muito sobre alternativas políticas diante da conjuntura atual, parece haver uma diferença entre as visões apresentadas pelos participantes, as quais falaremos mais adiante. É importante destacar que o genocídio da população negra apontada por Jorge, é uma das principais características da conjuntura na atualidade, uma preocupação para o coletivo negro que ajudou a construir.

E eu acho que esse que é o problema dessa nova conjuntura, quando você tem o golpe, isso acelera o genocídio. Você não estabiliza o país, você mantém o país na direção de matar cada vez mais pobres, cada vez mais pessoas negras, cada vez mais. A polícia de São Paulo, por exemplo, ela mata mais que a polícia dos Estados Unidos inteira somado,

né, num período de 10 anos. Isso aí é ridículo, e não é só despreparo, é uma política pública. Qual é a função da polícia? Controlar os pobres. Como você controla uma massa de pobres, gigantesca, que vive sob condições animais? Como você controla essas pessoas? O Hélio Luz fala isso num documentário, um delegado da polícia do Rio de Janeiro. Como se controla? Na bala, no presídio, no medo, não tem como controlar, entende? Além da ideologia, é claro. Não tem como... É, enfim... eu acho que esse é o dado mais preocupante da conjuntura brasileira, é o genocídio, porque ele vai continuar e dificilmente um novo governo vai resolver isso de imediato

A partir disso, o participante conclui que a população principalmente negra e pobre, será afetada diretamente pelas consequências do atual contexto, seja pela retirada de direitos da classe trabalhadora, seja pelo genocídio da população negra, o que pouco se discute e tampouco se divulga nas mídias tradicionais, marcadas pelo conservadorismo e posturas ideológicas reacionárias, aponta Jorge.

Em ambos os casos, os participantes relatam que a conjuntura atual está marcada por uma série de ataques à classe trabalhadora e de perdas de direitos sociais conquistados por meio de lutas ao longo dos anos.

É... a ascensão da China no mundo, ao lado da Rússia, como parceiro militar, tá causando um impacto já na sociedade. Então o ocidente perde o poder que ele tem há... um século. E... seria essa paz mundial gerida pelos Estados Unidos, a cultura toda ocidental voltada é... através dos olhos dos Estados Unidos e da Europa, isso tá sob mudança, né. Tá difícil, tem um terremoto político acontecendo no mundo, tem tensões, agora, de Guerra Fria, que a gente achou que nunca ia ver, né, acontecendo...

Jorge aponta para uma crise político-econômica em curso, uma vez que a mudança no trabalho (industrial) e o crescimento do setor de serviços e setor criativo, somado à ascensão da China e da Rússia, bem como a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, são fatores que contribuíram para o atual cenário de mudança de paradigma. Com tudo isto, Jorge conclui que há um crescimento do conservadorismo social, a ascensão da extrema direita se dá por causa da mudança no trabalho, uma vez que as indústrias no ocidente foram transferidas para países da Ásia e alguns países da África. Para ele, o recrudescimento do setor de serviços e setor criativo contribuíram para a perda de forças da classe operária líder na Europa e América Latina, criando uma crise estrutural.

Jorge parece observar, ainda que com outras palavras, a fragmentação dos organismos de classe com a reestruturação produtiva e com a flexibilização das leis trabalhistas, somada a retirada de direitos sociais historicamente conquistados. Entendemos que estes fatores, como aponta Euzébios Filho (2016), contribuem para fragmentar pautas que, em outro contexto histórico, unificaram a classe trabalhadora, por meio de organismos de classe como sindicatos ou partidos. Dentre as saídas indicadas pelos participantes, a luta, o debate e a organização em grupos, seja em coletivos ou no próprio M.E, é necessário a fim de se articular e buscar respaldo para os crescentes ataques contra a classe trabalhadora. Este aspecto fica claro, especialmente, no discurso de Jaqueline. A participante afirma que não considera muito a sua entrada no coletivo uma militância, uma vez que considera o feminismo em si muito vazio se não estiver

articulado à uma luta maior, a luta de classes, para ganhar sentido. Desse modo, é possível perceber que a participante consegue articular as dimensões singular-particular-universal (MARTINS & PASQUALINI, 2015), quando, a partir de suas experiências na particularidade do M.E, fala também em classe.

Por outro lado, Jaqueline observa a dificuldade de se organizar em classe, especialmente, quando se observa uma crise de representatividade, e ela parece passar pela perda de força dos partidos de esquerda, principalmente, entre a juventude.

Em 2013, nas jornadas de junho, a gente viu muita gente com vontade de fazer alguma coisa, eu mesma tava lá, nem sabia o que eu tava fazendo.... mas sem uma coisa assim que guiasse, era tipo, vamo pra rua, e aí tinha gente de direita, de esquerda, de centro... e o que que tava fazendo aquilo ali. Virou uma massa de manobra, e o pessoal não queria partido, porque partido estraga as coisas e não sei o que... e assim, compreensível. Eu li isso acho que na [no jornal de uma organização marxista] esses dias, ou no [jornal do coletivo que milita]... que tem os sites né... são bem informativos, são muito bons. Sempre quando eu quero saber de alguma coisa e não tenho tempo de pesquisar muito, eu dou uma olhada lá. E aí falava assim, que esse grito de sem partido não é tipo “a gente não quer que tenha partido”, é como se fosse... como se quisesse dizer “ah! Nós queremos alguém que nos represente”, e os partidos atuais não estão nos representando. Então, nós não queremos esses partidos, nós não queremos esses dirigentes.

Os partidos, segundo avalia Jaqueline, sofrem desta crise de representatividade, que, segundo Euzébio Filho (2016), também decorrem de um processo de burocratização de organismos políticos, que, historicamente, alocaram-se no campo da esquerda. Mas a crise de representatividade, segundo parece apontar, também afeta os coletivos. Diferente de Jorge, Jaqueline observa que os coletivos, por si só, não representam mudanças, ainda que carreguem pautas genuínas contra opressão. É necessário dar um passo à frente: articular as pautas identitárias com as classistas, o que levaria o M.E a outras ações e lutas dentro e fora do contexto universitário. Como afirma: “*A gente vê muitas mulheres participando do movimento estudantil, tem bastante gente LGBT também, e eu acho que falta essa identificação nas pessoas, falta elas entenderem por quê elas tão lutando.*”

Nesse contexto, é possível perceber que há uma crítica em relação aos coletivos que carregam somente determinadas pautas específicas, e que povoam o cenário político da juventude a ponto de pulverizar as pautas e enfraquecer o sentido de unidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que os elementos da conjuntura na atualidade estão presentes nos discursos das lideranças estudantis: insegurança em relação ao futuro político da sociedade, desconfiança de grandes instituições políticas e ao mesmo tempo uma aposta nos movimentos sociais e coletivos.

A militância representa uma alternativa concreta para combater as mazelas sociais dentro e fora da universidade. Parece constituir uma ponte entre universidade e sociedade. Esta militância dos dois participantes ganhou impulso por meio da entrada em coletivos e

entidades representativas do M.E, mas parece ter sido nos coletivos que encontraram a identificação e o sentido para a ação política.

Postas estas considerações, ficamos por aqui certos de que demos conta de tocar apenas em alguns aspectos que envolvem o sentido da militância para jovens que, de alguma forma, se manifestam diante do que observam na conjuntura atual.

## REFERÊNCIAS

EUZÉBIOS FILHO, A.. **Psicologia e desigualdade social: um estudo sobre a consciência política de beneficiários de programas de transferência de renda.** Curitiba: Juruá, 2011.

EUZÉBIOS FILHO, A. **Representação política e movimento estudantil no ensino superior: reflexões sobre uma universidade pública paulista.** In C. M. Cardoso (org.) *Universidade, poder e direitos humanos*, São Paulo: Cultura Acadêmica, 77-106, 2016.

FLORENTINO, R.. **Democracia Liberal: uma novidade já desbotada entre jovens.** Em *Opinião Pública*, 14(1), 205-235, 2008.

FREDERICO, C. **Consciência operária no Brasil. Estudo com um Grupo de Trabalhadores.**(2a Ed.) São Paulo: Ática, 1979.

FRIZZO, G. **Educação, processos de consciência e as Jornadas de Junho.** Em *Revista Universidade e Sociedade*, (53), 06-15, 2014.

IBOPE (2015). Índice de confiança social. Recuperado de [http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/ics\\_brasil.pdf](http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/ics_brasil.pdf) Acessado em 11/06/2017

MARTÍN-BARÓ, I. **O Papel do Psicólogo.** Em *Estudos de Psicologia (Natal)*, 1(2), 7- 27, 1996.

MARTINS, L. M. PASQUALINI, J. C. **Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista histórico e dialético para a Psicologia.** Em *Psicologia & Sociedade*, 27 (2), 362-371, 2015.

MESQUITA, M. R. **Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais.** Em *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (66), 117-149, 2003.

MESSENBERG, D. **O paradoxo da democracia: a participação política dos alunos da Universidade de Brasília.** *Civitas-Revista de Ciências Sociais*,15(1), 1-23, 2015.

SHORROCKS, A; DAVIES, J; LUBERAS, R (2014). **Global Wealth Report.** Disponível em <https://publications.credit-suisse.com/tasks/render/file/?fileID=60931FDE-A2D2-F568-B041B58C5EA591A4> Acessado em 12/01/2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agricultura Familiar 64, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 165

Análise Institucional 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28

Aprendizagem 6, 7, 8, 11, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 60, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 154, 156, 162, 201, 208, 212, 213, 214, 215, 216, 222, 223

Aprendizagem Ativa 134, 141

### B

Bullying 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16

### C

Campo 3, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 142, 146, 149, 151, 164, 166, 174, 176, 180, 189, 191, 199, 221, 223

Ciência 27, 29, 31, 39, 59, 60, 89, 95, 102, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 159, 166, 169, 173, 176, 205, 212, 214, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 228, 229, 230

Comunicação 7, 8, 118, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 192, 194, 221, 222, 231

Conhecimento 5, 20, 21, 25, 26, 27, 31, 32, 36, 38, 40, 45, 47, 50, 53, 54, 56, 65, 72, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 103, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 139, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 156, 159, 162, 165, 167, 168, 185, 186, 189, 194, 210, 211, 215, 218, 220, 223, 231

Construção do Conhecimento 103, 104, 134, 139

Cotas 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 75, 194, 195, 197

### D

Diário de Campo 91, 93, 98, 100, 101, 126

### E

Educação 1, 3, 4, 16, 17, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 132, 134, 135, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 200, 201, 202, 206, 208, 210,



211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Emancipação 61, 91, 94, 99

ENADE 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Ensino 11, 16, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 76, 77, 86, 87, 89, 91, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 134, 135, 136, 137, 142, 148, 149, 154, 156, 161, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 188, 189, 191, 193, 195, 200, 201, 202, 206, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Escola Democrática 1, 4

Expansão 106, 117

## F

Formação Continuada 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 60, 225, 226

Função Social 41, 44, 49, 51, 143, 196, 197

## I

Implicação 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 104, 192

Inclusão 32, 55, 56, 57, 61, 73, 87, 97, 197, 223

Indicadores de Qualidade 106, 107, 108, 110, 116, 117

## M

Metodologia 18, 21, 26, 27, 36, 39, 41, 78, 107, 117, 133, 134, 135, 136, 140, 176, 191, 192, 209, 213, 214, 222, 224, 229

Metodologias Ativas 134, 141

Moralidade 1, 3, 173

Movimentos Sociais 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 73, 75, 86, 88, 156, 187, 192, 194, 199, 200

## O

Observação Participante 91, 93, 98, 99, 104

## P

Pedagógicas 41, 42, 49, 50, 51, 54, 86, 90, 149, 155, 161, 163, 167

Pesquisa 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 37, 38, 39, 41, 50, 55, 56, 57, 62, 64, 69, 79, 84, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 135, 142, 143, 144, 145, 150, 151, 153, 163, 167, 168, 169, 170, 190, 192, 193, 201, 202, 209, 211, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 229, 230

Pesquisa Acadêmica 18, 22

Pesquisa de Campo 16, 91, 100

Pesquisador 5, 7, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 118, 119, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 149, 165, 224

Pós-Graduação 38, 63, 91, 106, 133, 142, 143, 145, 150, 151, 153, 171, 194, 217

Práticas 3, 16, 38, 41, 42, 49, 50, 51, 54, 74, 84, 86, 90, 95, 97, 100, 102, 103, 104, 105, 109, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 144, 145, 151, 155, 163, 167, 177, 200, 205, 216

Professor Mediador 134

Projeto de Extensão 29, 30, 31, 32, 38

Psicologia 1, 3, 17, 18, 20, 23, 24, 27, 28, 40, 91, 92, 104, 105, 120, 130, 151, 182, 186, 200, 214, 216, 219

## **S**

Sujeito Social 41, 44, 169, 204, 211

## **T**

Teorias Críticas 142, 145, 149, 150, 151

## **V**

Vagas 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 109

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 